Segunda Pele

Edilaine não gostava do seu nome, nem de ser vendedora de balas nos semáforos da Praça Tiradentes. Para os colegas de profissão, tão pequenos quanto os seus onze anos, ela se chamava Renata. Um cognome inventado, maquiando o desejo de uma vida diferente, sem imaginar ao certo o que teria nessa nova oportunidade. Em casa, estranhava a mãe chamá-la pelo verdadeiro nome. Quem sabe um dia ele também deixaria de existir. Talvez quando ela e os cinco irmãos conseguissem se tornar um número a mais nas estatísticas dos cartórios.

Foi no final do seu expediente, quando vagava pela praça, à procura de latas para levar ao padrasto, que encontrou a nota marrom, tão nova que estalava, embrulhada num pedaço de papel com algumas palavras escritas - hieróglifos diante de sua ignorância nas letras.

O pequeno embrulho estava caído num canteiro, quase ao lado da primeira latinha que tivera a intenção de recolher. Ao esbarrar nele, descobriu a ponta da nota. Sabia reconhecer dinheiro; e seus minguados conhecimentos em números traduziram o valor: cinquenta reais.

Matemática teve que aprender nos trancos da necessidade. Não a disciplina completa, com o refinamento de expressões,

fórmulas e problemas, mas a forma bruta dos números, no início para aprender com contas de adição e subtração, chegando ao início do dia a dia.

Pegou apenas a nota e, com pena de amassá-la, dobrou a marca já existente, guardando num vão dentro do vestido.

Os pensamentos se encheram de possibilidades. A única descartada foi a de levá-lo para a mãe, que, provavelmente, o entregaria ao padrasto, fim certo na mesa de um bar, assim como fazia com o dinheiro das latinhas, que nem se dava ao trabalho de recolher.

A mãe era fraca por homens, desde os seus quinze anos, quando ficou grávida de Edilaine. Expulsa de casa pelos pais, abandonada no sexto mês, soberou-lhe a astúcia de trazer para casa sempre um homem diferente, que prometesse pagar suas contas.

Fome eles não os deixavam passar, mas, em compensação, largavam a mãe cuburrigada. Cinco vezes, cinco pequenos "não" sem registro, sem pai no futuro. O último homem não a pôs grávida, mas também não pagava as contas, além de gastar um a cachaça o pouco que Renata ganhara vendendo balas. E dessa mãe se dizia apaixonada!

Abraçada à caixa de sapatos, preenchida com pajubas até a metade, Renata foi andando em direção ao Largo de São Francisco. Nos braços, a sensação de posse.

Muito cedo desaprendera o significado de um desejo: suas necessidades eram muito imediatas. Contentava-se em viver assim, ainda com a inocência infantil, uma inocência que não lhe fazia querer questionar as regras, da casa e do mundo. Brinquedos, apenas uma boneca de cabelo duro, sem roupa, entregue num desses caminhões de caridade natalina, e um jogo de quebra-cabeça faltando cinco peças, que ela encontrara no lixo.

Por mais que imaginasse algo para fazer com o dinheiro, as idéias não se juntavam, formando uma vontade palpável, um desejo para ser perseguido, e, naquele momento, possível de se alcançar. Quanto mais pensava, só obtinha resposta do estômago.

Foi vencida pela fome, assim que chegou à avenida Rio Branco, na esquina da Ouvidor. Monumental, ao seu lado esquerdo, estava a lanchonete de *fastfood* exibindo imagens de sanduíches apetitosos.

Decidida, acelerou as passadas e entrou. Não percebeu os olhares que recriminavam sua presença. Parada, posição central aos caixas, percorria as variadas ofertas expostas em todas as cores.

— Ei, menina! Não pode vender balas aqui.

Acostumada, não se intimidou com o homem largo, um gigante perto do seu um metro e quarenta, que se impunha num terno escuro.

— Não vim vender, não, moço. Tenho dinheiro. Queria era comprar um desses aí.

O segurança hesitou. Um titubear entre a piedade e o cumprimento do dever. Às cinco da tarde, o lugar tinha poucas pessoas. Acompanhou-a ao último caixa, sem destaque entre os clientes.

A atendente, até então distraída, surpreendida com a presença de sua presença, dispensou o ensaiado boa-tarde.

— O que você quer? — a frase cuspida, na tentativa de se livrar do problema.

A indecisão da menina fez com que o segurança se antecipasse.

— Ela quer comprar um sanduíche.

— Qual?

— Quanto custa aquela boneca ali?

— A cinderela na carruagem? Não vende, é brinde. Você quer a promoção que vem com ela?

— Vem com comida?

— Hambúrguer ou cheeseburguer, com batata e refrigerante.

— Eu quero.

A menina buscou a nota em seu esconderijo. Entregou a nota sem perguntar quanto era. A atendente e o segurança se entreolharam estranhando a nota de valor tão alto.

— Onde você arranjou esse dinheiro, menina? Andou roubando, é?

Renata quase contou a verdade, mas desistiu com medo que lhe tomassem. Resolveu dizer que tinha recebido de um homem à terra. O segurança, antes desconfiado, tornou-se inteligente em seus sentimentos.

Renata guardou os quarenta e um reais de troco no bolso do vestido, com o mesmo cuidado de antes. Pegou o sanduíche de papel com o sanduíche e a batata, acomodando-os sobre sua caixa de sapatos. Segurou com a outra mão o copo de refrigerante e a boneca vestida de princesa que vinha na carruagem.

Mal conseguia equilibrar tudo. O segurança atendeu com o refrigerante. No salão, ele indicou uma mesa escondida, atrás das escadas, para ela se sentar. "Coma rápido, sem apressar nada", ele ordenou, mas as palavras rudes se perderam na atenção que a menina dedicava ao brinquedo.

Começou pelo sanduíche. A primeira mordida trouxe a lembrança da fome. Esqueceu um momento a boneca e devorou o cheeseburguer e as batatas. Enquanto comia, sentiu um aperto no peito que a remetia aos irmãos. O dinheiro que havia sobrado não daria para mais oito lanches. Precisaria achar outro agrado.

Não deixou sobrar nem migalhas em sua bandeja. Saiu com pegou a caixa e a boneca. Quase à saída, passou pelo segurança, sem notar. Não tinha o hábito de agradecer e nem poderia imaginar que o homem de uniforme havia se sentido merecedor de alguma gratidão.

Caminhou de volta pela rua do Ouvidor, com seu novo tesouro guardado na caixa de sapatos. Com o entusiasmo a deixando em paz, pôde dar atenção às vitrines. Já andara por ali antes, mas nunca havia reparado na quantidade de roupas expostas. Passou a imaginar-se, assim, em carruagens, jogos de cintura, minicorbadas e bonecas ex-postos numa loja magnífica. Eram bonitos, sem dúvida, mas nenhum tanto orgulho da sua princesa na carruagem. Quase no Largo de São Francisco, deteve-se na porta de uma grande loja de roupas. Mulheres e homens entravam e saíam, esbarrando nas sacolas e distribuindo suas impaciências. Parou, não atraída pela loja, mas pelo vestido de menina, exposto no centro da vitrine. Era azul, com a figura da Cinderela no corpete. De alças, vinha com uma bolsinha e tinha bordados na barra. Preenchendo um manequim raquítico que devia ter o mesmo peso dela, encheu seus olhos de desejo.

Renata estava ali, contemplando a peça, quando o cheiro de comida a despertou de seus sonhos de consumo. Vinha de uma padaria que havia na calçada atrás de si. Virou-se e seguiu o aroma que a fez se lembrar dos irmãos. A atenção do rapaz do balcão só foi obtida depois que exibiu o dinheiro. Pediu pães doces e salgados, biscoitos de polvilho e algumas roscas. Em casa, a justificativa para tanta fartura passaria longe da verdade.

Abastecida de dois sacolas, e com a sobra de trinta e cinco reais, voltou para a porta da loja. O vestido estava ali, exibindo toda a vivacidade da infância, com o preço de R$ 32,99. Havia ao lado outros mais baratos, nenhum encantando o desejo de Renata.

Um esforço para fazer as contas e ela sorriu. Podia comprá-lo. Deu passos avançados e foi travada pelas mãos de um segurança muito mais carrancudo que o anterior.

No mesmo *script*, avisou que não poderia vender balão ali dentro. Renata argumentou que não queria vender nada, e, sim, comprar. O homem não esboçou reação.

— Chispa daqui, agora!

— Moço, só quero comprar o vestido. Deixa, vai.

Impaciente, ignorando seus apelos, ele a agarrou pelo braço, puxando-a para fora da loja.

— O que está acontecendo aqui, senhor? O que pensa que está fazendo? — uma idosa, movimentos lentos em seu vestido claro e leve, interrompeu a cena que já atraía curiosos.

— Nada, senhora, só estou levando essa pivetinha pra fora. Tava querendo vender essas porcarias aqui dentro.

— Queria vender não, dona, eu disse que só queria comprar o vestido.

— Que comprar nada, conheço vocês. Vai é embora e agora.

— O senhor pare, imediatamente. Largue o braço dela. Isso é jeito de tratar uma criança? — a voz soou pausada, mas firme.

— É uma pivete, madame, menina de rua. Se deixar entrar, vai roubar os clientes e ainda vai me meter em enrascada. Tenho família pra criar, dona.

— Não ia roubar não, senhora, olhe! — remexeu o bolso como pôde, presa ainda pelo homem, e tirou o dinheiro, embolando-o na mão — Queria era comprar o vestido azul.

— Viu, deve ter roubado esse dinheiro.

— Roubei não, eu juro, achei na rua.

— Vamos, anda! Chega de papo furado.

— Largue essa menina, agora, já disse, ou chamarei a polícia, e não será para acertar contas com ela — a amabilidade da idosa parecia ter mudado de perspectiva.

— Mas, senhora, estou fazendo meu trabalho.

— Duvido que seu superior mande você tratar uma criança desse jeito. E, se mandar, não hesitarei em denunciá-lo também. Você, menina, venha aqui!

Renata, solta pelo segurança, se aproximou. Os olhos úmidos, gestos indecisos e tensos, não pelo tratamento ao qual já se acostumara, mas por supor que não lhe permitiriam ter o vestido.

— O que você queria aqui dentro?

— Comprar o vestido azul que está ali.

— Para evitar mais confusão, quer me dar o dinheiro e eu compro pra você?

— Ahã! — ela esticou a mãozinha com as notas emboladas.

— Espere aqui. E quanto a você, meu rapaz, fique longe dela.

Renata encostou-se à porta, evitando o olhar do segurança, que já havia se resignado que ela não sairia dali sem o vestido. A situação era desconfortável. Se fosse por ele, não se importaria, mas. Assim, cuidou de prestar atenção aos outros clientes, antes que arranjasse mais problemas.

Dez minutos depois, a idosa entregou à Renata uma pequena sacola plástica e o troco. A menina abriu um sorriso quando pegou nas mãos o vestido. Largou as sacolas e a caixa de balas no chão, e começou a tirar o trapo que usava.

— Menina, não pode trocar aqui. Espere chegar em casa.

— Eu queria vestir agora, por favor, deixa.

A idosa, entendendo a ansiedade, buscou uma solução.

— Está bem, mas vamos fazer diferente. Assim, coloque o vestido novo por cima do seu e então tire o outro por baixo.

Alguns movimentos depois, o vestido azul era exibido sobre seu corpo magro e sujo, contrastando com a pele morena clara.

Seus sentidos ignoraram os burburinhos em volta. Não percebeu a mulher guardar seu trapo na sacola da loja e juntá-la às outras que estavam no chão. Não viu, também, ao se afastar dali, o olhar do segurança, que, antes, supostamente insensível, começava a roçar outro tipo de sentimento.

Saiu equilibrando suas sacolas e a caixa de balas, saltitando pelas ruas e alisando o tecido de malha que se colava ao corpo, com pequenos sinais da puberdade. Colocou o troco na bolsa que acompanhava o vestido. Teve vontade de largar a caixa de balas e ser apenas a menina que passeava com sua roupa nova.

Foram muitos passos que a levaram até o Catumbi, onde morava. Deveria ter pedido carona em ônibus, para arriscar uma última venda, mas não era isso que queria naquele momento. Buscava apenas passear, e passear, e exibir o vestido, e desejar... e esquecer.

Chegou muito próximo de casa. A realidade da favela espalhada à frente lhe lembrou que ainda não tinha uma história para justificar os pães e a ausência das latunhas. O que diria sobre o vestido? Era bondade demais para atribuir a uma única pessoa. Se a mãe ou o padrasto descobrissem como gastara o dinheiro, seria certa a surra, provavelmente muito pior do que todas que conhecia.

Pensou em esconder o vestido. Chegou a imaginar o fundo da caixa de doces, mas desistiu.

Nunca sentiu apego a nada material e nem se lembrava de ter desejado tanto alguma coisa, como desejara aquela roupa. Foi por isso que, ao concluir que não poderia ficar com ele, Renata chorou, ao mesmo tempo em que se enfiava num beco e trocava de pele.

O vestido desejado, colocado cuidadosamente dentro da sacola plástica nova, continuou agarrado ao seu pelo, só que agora longe do calor do corpo. A entrada da favela estava próxima. Não tinha coragem de jogá-lo no lixo, nem chegou a demonstrar intenção quando passou por duas caçambas.

A uma quadra do morro, viu uma menina que regulava com a sua idade, acompanhada de uma mulher, sentadas à porta de uma

loja fechada há meses. Estavam sujas e pediam esmola. Nunca as tinha visto por ali. Analisou o rosto sofrido de ambas, a expressão de desconsolo. Seu braço, aos poucos, foi afrouxando da sacola.

Parou diante delas, tirou um dos pacotes de pão e ofereceu às duas. Elas sorriram. Renata não devolveu o sorriso, mas estendeu a sacola do vestido.

A menina maltrapilha recebeu feliz o presente que nem sabia o que era. Quando descobriu a roupa nova, Edilaine já estava longe.